

A MISSA AFRO-BRASILEIRA NA COMUNIDADE CATÓLICA SÃO JOÃO CALÁBRIA - CAMPO GRANDE - MS

Maria Augusta de Castilho*
Tânia Rute Ossuna de Souza**

Resumo: Este trabalho de pesquisa apresenta uma reflexão sobre a interação de uma comunidade católica que busca demonstrar alguns aspectos relevantes das ações comunitárias, conceitos, experiências, métodos, dinâmicas sobre a fé católica, bem como o território, a territorialidade, o capital social, as potencialidades e perspectivas de Desenvolvimento Local. A comunidade São João Calábria permitiu a materialização da pesquisa com aprofundamento teórico e análise fenomenológica, embasada em coleta de dados e informações por meio de consultas documentais e instrumentos de investigação utilizados nas visitas *in loco*, por meio de entrevistas semi-estruturadas e aplicação de questionários. Enfocou-se no estudo: a musicalidade, os projetos sociais e a missa afro-brasileira. Destacou-se a formação de lideranças, que fortaleceram o sentimento de pertença e outros aspectos que estão inseridos no Desenvolvimento Local.

Palavras-chave: Missa afro-brasileira. Comunidade Católica. Territorialidade.

Abstract: This work of research presents a reflection on the interaction of a community catholic whom it searches to demonstrate some excellent aspects of the communitarian actions, concepts, experiences, methods, dynamic on the faith catholic, as well as the territory, the territoriality, the capital stock, the potentialities and perspectives of Local Development. The community Is João Calábria allowed the materialization of the research with theoretical deepening and phenomenological analysis, based in collection of data and information by means of documentary consultations and instruments of inquiry used in the one in the visits in I lease, by means of half-structuralized interviews and application of questionnaires. It was focused in the study: the musicalidade, s social projects and the mass afro-Brazilian. It was distinguished formation of leaderships, that had fortified the feeling of belong and other aspects that are inserted in the Local Development.

Key words: Community Catholic. Territoriality. Afro-Brazilian.

Este trabalho foi realizado na Comunidade São João Calábria, localizada em Campo Grande, no Estado do Mato Grosso do Sul, destacando o catolicismo popular da Missa Afro-brasileira.

O estudo foi pautado na pesquisa qualitativa e quantitativa, a partir da abordagem sócio-histórica, da comunidade católica pesquisada, bem como observações e questionários

* Professora da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Pós-Doutora em História.

* Professora da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul - MS, Mestre em Desenvolvimento Local.

com os agentes internos e externos, além de consulta bibliográfica que embasaram o percurso da dissertação.

Identificou-se a localização dessa comunidade que apresenta uma igreja onde são realizadas as missas, com manifestações de cunho sincrético, isto é, possuindo uma liturgia formal católica e ao mesmo tempo promovendo rezas e cantos característicos das religiões afro-brasileiras, demonstrando uma capacidade de sobrevivência e amplitude por seus encontros realizados dentro da própria comunidade.

A diocese de Campo Grande apresenta em seu território 37 paróquias divididas em cinco foranias, da seguinte forma: Forania Centro, Forania Sul, Forania Norte, Forania Oeste e Forania Rural; a comunidade pesquisada é uma das paróquias pertencentes à Arquidiocese de Campo Grande.

Após uma visão preliminar do que se propõe nesta dissertação, fez-se uma breve história de João Calábria, uma vez que ele é o principal ator das atividades voltadas para a comunidade cristãs. Destaca-se, também, a vivência da missa afro da comunidade São João Calábria, bem como, a criação do coral e os valores cristãos desenvolvidos pela comunidade. A análise do Desenvolvimento Local da Comunidade Católica São João Calábria foi realizada ao se inferir a importância de conceitos tais como: o espaço, território, capital social, comunidade e suas potencialidades e perspectivas de Desenvolvimento Local. Deste modo, o apego ao sagrado pode também refletir-se além do interior da igreja, interferindo no cotidiano dos moradores de toda comunidade calabriana.

No Brasil existem várias manifestações em que o negro busca relembrar as celebrações, feitas pelos seus antepassados, vindos de diversas regiões do continente Africano, durante o período correspondente a escravidão. Relembrar essas celebrações requer uma memória da cultura que viveu esse passado, que tem guardado na sua mente e transmitido através da história oral, muitas vezes esquecida ou subjugada, omitida nos livros escolares, abafadas na memória dos contemporâneos devido ao silencioso, peso do preconceito que faz com que, o afro-descendente, não busque saber da memória de seus antepassados. A ideologia dominante tenta evidenciar que o preconceito contra os negros é quase sempre negado, e que o brasileiro se gaba de sua falta de preconceito (ROSENFELD, 1993), dessa forma a busca pela identidade do negro acaba por se esmaecer. Contudo não se deve aprofundar na questão do preconceito em si e as suas diversas formas, e sim na memória do povo negro e as influências que ela acarretou na sociedade, especialmente no caso a ser estudado.

O foco do estudo foi à missa na paróquia São João Calábria, cuja característica principal é a realização de uma missa que mescla o catolicismo com os cultos afro-brasileiros.

Para tanto, utilizou-se a história de vida do Padre Dega e a contextualização de sua chegada à comunidade local, bem como a origem da “missa aculturada”, tomando-se como ponto de partida a posição e o ponto de vista do outro – contextualizando a alteridade. Crê-se que este padre tem toda autoridade de relatar por ser ele mesmo o agente da ação, tornando o fenômeno no seu todo como válido. Tenta-se ao máximo evitar descrever sentimentos mais exaltados por parte do informante, pois o mesmo pode descaracterizar a análise da cerimônia descrita neste estudo. Assim, a história oral objetiva a preservação da memória, uma vez que ela e essa memória oral são fecundas quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações. A função do padre seria a de reorganizar, expor e fazer a comunidade em questão vivenciar essa memória.

A coleta de dados baseou-se em observações in loco, entrevistas, registros fotográficos, análise documental (arquivo da Paróquia São João Calábria) e bibliográfica, pois,

Na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos deve necessariamente haver um certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, malgrado a diversidade das formas que umas e outras puderam revestir, em todas as partes têm a mesma significação objetiva e em todas as partes preenchem as mesmas funções (DURKHEIM, 1983, p. 208).

A importância de tal estudo dá-se no âmbito de que a religião faz parte da sociedade e essa sociedade se vê e vive essa religião, seu culto, sua festa. Da prática retira-se às manifestações do coletivo que não somente prática, como também se vê no contexto do ritual, sendo assim, corrobora-se com Durkheim (1983, p. 212) na seguinte elocução:

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo.

Se o tempo também separa e re-atualiza ritualmente as festas, onde o inconsciente coletivo cria uma aura religiosa, nas comemorações sagradas católicas, ao mesmo tempo pode re-atualizar a memória coletiva afro-brasileira (CASTILHO; PENQUE, 2003).

A memória do povo negro, no entanto a vivida no Brasil na época da colonização, se manifesta mais presente nos Estados em que a população negra se torna mais presente, como também nas parcelas mais humildes da população, criando assim, um ambiente que reforça suas

tradições e o orgulho do seu passado. A tradição reforça o passado e aumenta a auto-estima do fato de sua afro-descendência. Da Matta (1983, p.48) expõe que:

Sem uma tradição, uma coletividade pode viver ordenadamente, mas não tem consciência do seu estilo de vida. E ter consciência é ser socializado, isto é, é se situar diante de uma lógica de inclusões necessárias e exclusões fundamentais, num exaustivo e muitas vezes dramático diálogo entre o que nós somos (ou queremos ser) e aquilo que os outros são e, logicamente, nós não devemos ser.

Portanto, chega-se ao objeto de estudo deste trabalho, cujo local situa-se à Rua Oliveiro Rodrigues da Cruz, 247, Bairro Macaúbas – Campo Grande – MS, onde são realizadas missas com manifestações de cunho sincrético, isto é, com uma liturgia formal católica e ao mesmo tempo em que rezas e cantos característicos das religiões afro-brasileiras são apresentados. Brandão (1978, p.41-42) trata essa mescla de cultos da seguinte forma:

O catolicismo popular preservou da doutrina canônica e do imaginário fantástico da Igreja colonizadora ibérica quase toda a estrutura de símbolos e de articulações de códigos e princípios de conduta social [...] Elas atingiram sempre mais agentes de culto e fiel eruditos, de classes médias para cima [...] Por isso até hoje, fora o caso de sujeitos e grupos populares associados ao trabalho pastoral das dioceses, paróquias e comunidades definitivamente pós-conciliares, a influência eclesiástica é pequena e em pouco modifica habitus populares resultantes do trabalho cultural e religioso de agentes ibéricos, mesclando a influência de sistemas de crença e culto indígenas, afro-brasileiros e, mais recentemente, espíritas kardecistas.

A sincrética liturgia do Padre Josuel dos Santos Boaventura, mais conhecido como Padre Dega, chegou à comunidade em 2002 e ao observar a significativa presença de afro-descendentes, propôs a celebração de uma missa que unisse o culto tradicional da Igreja Católica Apostólica Romana, com a rememoração do passado do povo negro a fim de, não somente atrair mais adeptos para sua igreja, mas também ensinar aos crentes a história do povo negro. Dessa forma o pároco propôs a comunidade um curso preparatório com os conceitos e fundamentos teóricos sobre a cultura afro, pois as pessoas têm uma realidade de cultura fragmentada em si, e desvalorizada, e falta a eles uma consciência afro-descendente (DEGA, 2005). Então, através do que foi ensinado, surgiu um despertar entre a comunidade para a apreensão da história e da cultura afro-brasileira. Na visão do sacerdote citado, o curso trouxe: um panorama esclarecedor, crescendo assim, o interesse da comunidade em inovar, incrementar e a buscar a valorização interior de cada membro. A missa da forma sincrética com que é realizada, possui validade do ponto de vista da Igreja Católica conforme documentos que registram essa autorização. Os documentos referentes são:

- 1) SC (sacrossantum concilium) documento do vaticano II nº 37 a 40.
- 2) Santo Domingo (Conferência Latino Americana dos Bispos) nº 229 a 230.

3) RMI (Redentores Micio) nº 52.

A missa está dentro dos padrões católicos, uma vez que:

Depois do Concílio Vaticano II e, mais ainda, depois Medellín, as relações entre a Igreja e as religiosidades populares passam por alguns matizes: a) dioceses tradicionais e, sobretudo, os grandes centros de romarias populares incentivam e promovem cultos coletivos, desde que submetidos ao comando de congregações de sacerdotes; [...] d) as frentes de práticas das comunidades eclesiais de base buscam, com dificuldades muito grandes, a criação de formas de crença e culto que traduzam, ao seu modo, não mais a ‘religião da Igreja’ ou a ‘religião do povo’, mas uma religião de compromisso entre um lado e o outro (BRANDÃO, 1978, p. 68).

E o mesmo autor continua afirmando que em documento elaborado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) denominado “Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil”,

As manifestações de fé próprias de piedade popular constituem, de maneira geral, um valor autêntico. Deve-se estudá-las, compreendê-las, valorizá-las purificando-as do que tivessem de menos exato delas partindo para uma evangelização proveitosa e enriquecendo-as com elementos próprios da Liturgia e descobrindo nelas elementos que possam assumidos pela própria Liturgia. De maneira particular, não se perca de vista a direção cristocêntrica e comunitário-eclesial que a reforma e a renovação promoveram (OLIVEIRA, 1985, p. 59).

Essas citações só vêm a acrescentar a declaração do padre Dega a respeito da legitimidade da sua missa, não somente no seu formato tradicional, como também, nas formas aculturadas relacionadas às danças, cantos e ritos não provenientes da igreja católica.

Ao se analisar a liturgia constatou-se que durante a celebração aculturada ocorreram rituais específicos de modo a anunciar o sagrado, preservando-se a essência do evangelho. Trata-se também de uma reflexão que os católicos negros fazem sobre “ser negro ou ser cristão”. No aporte do Padre Dega (2005), o negro cristão não pode negar sua negritude, deve participar de celebrações religiosas destacando seus valores culturais africanos.

Convivendo com a comunidade negra, o sacerdote da paróquia pesquisada, percebeu o engajamento de vários descendentes (sem nenhuma preocupação vinculada ao conhecimento de sua cultura) que exerciam atividades voltadas para a comunidade, cujos trabalhos ofereciam acolhida a todos, superando a cor e empenhados com a unidade da comunidade.

Na tentativa de unir todo o trabalho exercido pelos líderes das pastorais e de acreditar na importância da celebração da missa afro como um caminho eficaz de conscientização e fortalecimento dos grupos negros, houve um despertar sobre as questões de caminhada da negritude na vida religiosa e do seu envolvimento com consciência do significado dessa

celebração, por isso, o grande número de engajamento vem desafiando a própria Igreja na questão da inculturação, uma vez que vários documentos da igreja mencionam a necessidade da evangelização aculturada.

Essa experiência realizada com a comunidade da paróquia São João Calábria pelo Pe. Dega demonstra, heranças culturais, contemplando os principais valores ligados ao povo negro, e, que em cada celebração são vivenciados com intensidade por todos os participantes. Trata-se de uma rica espiritualidade mística, vinda da África e enriquecida pelo contato com as diversas experiências cristãs ao longo da história e culminando com a chamada missa dos quilombos celebrada pela primeira vez, oficialmente, por Dom Helder Câmara e Dom José Maria Pires, ocasião em que foram entoados cantos compostos e executados por Milton Nascimento.

Ritual da missa afro-brasileira e a musicalidade

A missa na comunidade acontece no mês de novembro de cada ano, na semana da consciência negra entre os dias 20 a 27, cujo ritual reverencia a morte de Zumbi dos Palmares (20 de novembro do ano de 1695), seguida de uma abertura da Igreja a inculturação, através do Sacrossanctum Concilium, que aborda a inculturação da liturgia e a adaptação à mentalidade dos diversos povos, culturas e documentos do Magistério, particularmente da América Latina, com ênfase em Santo Domingo, o qual identifica a inculturação do Evangelho, colocando a liturgia como lugar privilegiado onde esta pode acontecer (SD, 230-243).

Constatou-se que os valores africanos foram rememorados na liturgia pela comunidade afro-brasileira, embora não apresentassem tanta rigidez da liturgia oficial. São valores profundos que enriquecem a vida litúrgica da Igreja, e, estão realmente na base da cultura afro.

Na missa, o povo negro reverencia a natureza, o que o leva a celebrar com abundância a água, o fogo, as folhas, a terra e as flores, bem como, celebrar os antepassados, pois, para eles faz parte da caminhada e continuam fazendo história com a comunidade.

A festa ritualística da missa acontece numa demonstração, de que a vida deve ser diferente, deve ser partilha, com alegria e, num sentido escatológico, deve ser um grande banquete no reino definitivo. A dança é celebrada não somente com a cabeça, com o cérebro, mas com todo o corpo, por meio de uma expressão corporal ao divino fazendo com que a fé seja manifestada na alegria e com muito gingado. Os atabaques têm um papel fundamental;

quando eles tocam, o corpo mexe, louvando a Deus. Os cantos trazem uma mística; não precisam ter muita letra, mas muita música. Para as comunidades afro-descendentes é impossível celebrar sem comida, pois comer em comunidade, é entrar na intimidade do outro, é partilhar a vida. Isso acontece por meio da degustação: da pipoca, da canjica, da mandioca, da cachaça, do amendoim, do angu, do bolo de fubá, etc.

Na liturgia aculturada e em toda celebração cristã, Jesus Cristo é o centro. Sendo o princípio e fim de todas as coisas, ele é o antepassado maior que permite a cada liturgia, celebrar seu nascimento, morte e ressurreição, tomando para si toda dor, escravidão, discriminação, preconceito, racismo, etc. A comunidade recebe a vida que não morre jamais, Jesus, portanto, encontra forças para lutar contra todos esses males. É no sangue de Jesus derramado em um pano que a comunidade encontra presente o sangue de Zumbi dos Palmares, da escrava Anastácia e de todos aqueles que morreram pela causa negra. Como Jesus se identifica com todos os marginalizados, a comunidade contempla nele o rosto de todos os negros e assim celebram as dificuldades e conquistas da comunidade negra, colocando no centro o mistério de Jesus Cristo morto e ressuscitado, alimentando o desejo de contribuir sempre mais para a realização dinâmica do seu reino. Por isso, essas celebrações são regadas com muita animação, muito canto, muita dança, muita comida, palavras e gritos de dor e alegria.

De acordo com o Sacrossantum Concilium, a liturgia é a fonte e expressão de toda a vida da Igreja (SC 10). Esta realidade é levada muito em conta nos encontros dos APNs e GRENI, onde a liturgia tem sido o ponto culminante. Os crentes afros esforçam-se para que o ambiente seja de acolhida, partilhando a vida com mais confiança, experimentando um grande aconchego de irmãos e irmãs reunidos na casa do Senhor.

De acordo com o padre Dega (2005), na Missa aculturada Afro, a liturgia inicial é feita ao som dos atabaques no compasso de danças que caracteriza a festa, pois na cultura negra os instrumentos musicais, particularmente o atabaque, são instrumentos sagrados. O atabaque está sempre presente na vida do povo negro, do nascimento à morte e, é ele que anuncia as festas, as vitórias e os perigos. Ao som do atabaque a comunidade vive em comunhão com Deus. Ao iniciar a celebração da missa se revive a memória histórica daqueles que sofreram no próprio corpo o martírio de Cristo. A celebração é feita muitas vezes no chão, ao ar livre, vivenciando a ligação vital com a natureza, expressando assim a relação amorosa com ela. O grande templo de Deus é a natureza e também o seu mais grosso volume. As liturgias são mais criativas e a cada celebração que é uma experiência única.

Contudo, existem alguns momentos fortes dessa festa de louvor. No Ato Penitencial os participantes pedem perdão, por aqueles que fizeram seus descendentes de escravos, e por aqueles que ainda continuam a discriminar os negros em todos os campos. Pedem perdão pelos membros da igreja que pertencem, que ainda hoje muitas vezes são coniventes com o racismo.

Na cerimônia da missa os participantes usam, o incenso e a água benta, com o sentido de purificação. Identificou-se no ritual da missa que cada momento da celebração há um reviver de situações concretas de sofrimento porque passam a população negra. Desta maneira, o culto não se torna uma mera prática devocional, mas uma memória viva e atualizada do mistério de Cristo. Reconhecem que o grande hino de louvor é feito por toda a criação. Glorificam a Deus cantando, dançando, jogando folhas para o alto. As folhas representam a natureza generosa que dá os alimentos e também as ervas necessárias para curar as feridas da humanidade.

O Axé é a Saudação da paz. Tocam a mãe terra e os ombros das pessoas, dizendo AXE. Axé é paz, energia, saúde vitalidade. Na Comunhão, comungam o pão e o vinho, o corpo e sangue de Cristo. Comem também pipoca, frutas, etc., comungando assim a vida e a cultura negra. A Bênção Final com a proteção da Virgem Maria evoca Nossa Senhora Aparecida quando cantam: “*Negra Mariama, Negra Mariama*”. Esses momentos podem ser vistos como parte integrante da Liturgia da missa.

Uma celebração que ocorre em um espaço sagrado, se torna banquete onde todos podem participar, partilhar, e se ajudar mutuamente, com a ajuda de Deus e de axé. Nessa ocasião, vive-se à espiritualidade muito profunda, trazida da África, passando pelos quilombos e pelas diversas formas de resistências e lutas. Rememoram a história, a aliança com Deus convidando toda a comunidade negra, a se sentir povo de Deus, integrados a todos os povos e culturas, como sujeito de sua própria história.

Na missa há um momento de valorização dos quilombos onde são destacadas as afirmações: trancados na noite, milênios afora, forcamos agora as portas do dia. A comunidade nessas ocasiões afirma: faremos um povo de igual rebeldia, faremos um povo de bantos iguais, faremos de todos os lares fraternas senzalas, sem mais, faremos a Negra Utopia do novo Palmares na só Casa Grande dos filhos do Pai. Seremos o Povo dos Povos: Povo resgatado, povo aquilombado, livre de senhores, de ninguém escravo, senhores de nós, irmãos de senhores, filhos do Senhor! Sendo Negro o Negro, sendo Índio o Índio, sendo cada um como nos tem feito a mão de Olorum..

Com esse estudo pôde-se verificar a importância da lembrança da tradição, mesmo ela não sendo vivida e não sendo exatamente a mesma do passado, mas o fato de lembrar toda a história de um povo, ou melhor, histórias, passadas através da transmissão oral, dão as pessoas que convivem nessa comunidade, um motivo a mais para a união em torno da religião. O compartilhamento com os seus semelhantes cria um sistema de significados que será assegurado, controlado e orientado para a permanência e sobrevivência da comunidade, contribuindo, assim, para o reforço plural da cultura em que se vive.

É através da identidade que o indivíduo se transforma em pessoa que alcança e assume essa identidade e leva a seu termo os diversos projetos que cria sua vida. A sociedade, assim, possui uma variedade de papéis a serem interpretados e interiorizados pelo atores sociais. Neste contexto, a ação de disseminar a cultura afro-brasileira feita pelo padre Dega contribui para a ampliação das possibilidades de o indivíduo identificar-se e assumir essa identidade por meio da participação no ritual.

A pessoa pertencente a esta comunidade pode finalmente afirmar que tudo o que se construiu faz parte dessa realidade dinâmica denominada tradição, pois está dentro e fora do grupo (DA MATTA, 1983). Fora no sentido de que essa cultura foi vivida pelos seus ancestrais e, dentro no sentido de que as pessoas do grupo celebram esses ancestrais através da atualização no espaço atual, por meio na missa afro em Campo Grande - MS.

Referências

- BOA VENTURA, Josuel dos Santos - Pe. Dega. *Negritude e Experiência de Deus*. Afro-descendentes brasileiros: na diversidade de culto, unicidade divina. Porto Alegre, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962 - 1965). São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja).
- DÜRKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1983.
- OLIVEIRA, Pedro A Ribeiro de. *Religião e Dominação de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2000.